

Edição e anarquismo: a trajetória transnacional de Fortunato Serantoni (1856-1908)

Eduardo Augusto Souza Cunha¹

FFLCH-HE/USP

Originado das lutas operárias do século XIX, sobretudo das experiências da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e da Comuna de Paris, o anarquismo tornou-se uma força política muito importante em diversos países no final do século XIX e início do século XX. Assim como todos os setores operários, os anarquistas passaram por uma dura repressão nos anos pós-Comuna, na década de 1870. Todavia, nos anos seguintes o anarquismo mostrou vigor, com uma grande projeção política na Europa e disseminando-se para o resto do mundo nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX, tornando-se “o elemento dominante na esquerda radical autoconscientemente internacionalista”².

O anarquismo foi “autoconscientemente internacionalista”, como afirma Benedict Anderson, porque adotou o internacionalismo não apenas como um ideal teórico ou como um princípio do porvir revolucionário, onde as fronteiras não existiriam mais. O internacionalismo esteve no centro da própria dinâmica do anarquismo enquanto movimento político. A partir do fluxo migratório do final do século XIX, no qual milhões de trabalhadores atravessaram o Atlântico em busca de nova vida, muitos anarquistas migraram dos seus países natais e se instalaram em diversos países. Casos de militantes que saíram da Europa e permaneceram no primeiro ponto de chegada onde desembarcaram foram raros. Sobretudo para escapar da repressão, a maioria dos anarquistas passou por diversos países durante esse período. Dessa forma, além da disseminação do anarquismo em várias localidades, criou-se uma rede internacional que deu a forma constituinte ao movimento.

¹ Agradeço aos comentários de Rodolfo Porrini no Simpósio Temático “Los trabajadores y el trabajo en la historia económica de América Latina: problemas teóricos, metodológicos e históricos” do CLADHE V, onde uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada. Também agradeço a Biblioteca Franco Serantini (Pisa, Itália) e a Francisco de Paula Fernández Gómez, pelo envio de materiais de pesquisa. Por último, mas não menos importante, agradeço à leitura atenta de Gabriela Brancaglioni. Este trabalho é resultado parcial da pesquisa para a dissertação de mestrado intitulada “Editar a Revolta: a edição e a circulação de impressos na formação das organizações operárias de Buenos Aires (1890-1910)”, realizada com apoio da FAPESP (nº 2015/10523-6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. **Contato: eduardoascunha@gmail.com.**

² Benedict Anderson. **Sob três bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial.** Campinas; Fortaleza: Editora da Unicamp; Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014, p. 20.

Outro elemento central para compreender o anarquismo do final do século XIX e início do século XX são suas publicações. Através da edição e da circulação de jornais, livros e folhetos, os anarquistas faziam grande parte da difusão das suas ideias e também se comunicavam com grupos anarquistas de outras partes do mundo. Apesar de o objetivo central ser a propaganda, algumas tarefas intrínsecas à atividade editorial de impressos (como jornais, revistas, livros e folhetos), como a arrecadação de dinheiro para cobrir os custos e a venda e a distribuição, faziam com que os grupos estabelecessem uma série de relações entre si. Essa teia de relações cumpre um importante papel organizativo, por ser essencial para a constituição dos grupos anarquistas. Portanto, pode-se afirmar que a edição cumpre um “duplo papel”: é tanto um meio de propaganda quanto um meio de organização³.

Neste trabalho, pretendemos explorar o internacionalismo e o “duplo papel” da edição a partir da trajetória de um militante chamado Fortunato Serantoni. Nascido em Florença, torna-se anarquista ainda na juventude e sua atuação ocorre entre a década de 1870 e a primeira década do século XX, atuando na Itália, Espanha e Argentina. Neste trabalho daremos ênfase no período em que Fortunato Serantoni esteve em Buenos Aires. Como veremos, nos três países Serantoni foi um destacado articulador e propagandista sobretudo ao desempenhar a atividade editorial. Na feliz expressão do historiador Adriano Paolo Giordano, Fortunato Serantoni foi um “editor errante da anarquia”⁴. Por fim, discutiremos brevemente como a trajetória de Serantoni ilustra a vida e a ação de diversos outros militantes que foram seus contemporâneos.

Da AIT ao exílio transatlântico: a militância de Serantoni na Itália e na Espanha (1872-1893)

Fortunato Serantoni nasceu em 1856 em Florença. Seu primeiro trabalho foi aprendiz de cabeleireiro e, nessa função, com apenas dezesseis anos ingressou na seção florentina da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Nesse período, a Internacional na Itália sofre uma virada. Criada em 1864, é em 1872 que a AIT irá se difundir por toda a Itália, após a experiência da Comuna de Paris⁵. Todavia, também é nesse ano que ocorre a cisão da organização em torno de duas correntes conflitantes: a centralista e a autonomista. De um lado, a corrente centralista apontava a necessidade da criação de partidos políticos nacionais a partir das seções da AIT em cada país com o intuito de disputar as

³ Ver Regis Debray. El socialismo y la imprenta: un ciclo vital. *New Left Review*, Londres, n. 46, p.5-26, out. 2007; Luciana Anapio. Una promesa de folletos: El rol de la prensa en el movimiento anarquista en la Argentina (1890-1930). *A Contracorriente*, Raleigh, v. 8, n. 2, p.1-33, dez. 2011.

⁴ Adriano Paolo Giordano. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: Maurizio Antonioli (Org.). *Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento*. Pisa: Bfs Edizioni, 2007. p. 93-121.

⁵ Marcello Musto (Org.). *Trabalhadores, uni-vos!*: Antologia política da I Internacional. São Paulo: Boitempo, 2014.

eleições parlamentares e que a AIT seria a responsável por manter essa direção política através do seu Conselho Geral; do outro, os federalistas afirmavam que cada federação, por se encontrar em contextos políticos, econômicos e sociais muito distintos, tem o direito de escolher cada uma a melhor estratégia a ser seguida, tendo por acordo comum apenas um programa mínimo. Assim, a AIT teria a função de garantir a autonomia de cada federação, cumprindo o papel de articulação entre as diferentes federações ao invés de uma direção política.

Após o Congresso de Haia, ocorrido em 1872, as federações do Jura suíço e da Espanha, Inglaterra, Holanda, Itália, Bélgica e seções da França rejeitam as deliberações tomadas no congresso e romperam com o Conselho Geral da AIT. Essas seções organizaram outro congresso na cidade suíça de St. Imier e fundaram outra Internacional, porém mantiveram o mesmo nome pois enxergavam que tratava-se de uma continuidade do espírito original da AIT. A Internacional de St. Imier era composta majoritariamente por correntes operárias federalistas e coletivistas, porém essa não era a única corrente presente e muito menos sua linha política. O que unia as organizações operárias que a compunham era a oposição ao centralismo do Conselho Geral e a defesa da autonomia federalista.

A maioria da federação italiana estava alinhada com as ideias coletivistas, ao serem contrárias à ação política dentro do Estado. Isso se deve principalmente à ação da Aliança da Democracia Socialista, grupo do qual fazia parte Bakunin, que já morava há alguns anos na Itália. Todavia, a seção florentina era parte da minoria dentro da federação italiana da AIT próxima da corrente centralista e fiel ao Conselho Geral. Porém, com a decisão do Conselho Geral de mudar sua sede de Londres para Nova Iorque tomada no Congresso de Haia, a confiança da seção florentina se abalou. Progressivamente a linha política desta seção foi se alterando em direção ao posicionamento adotado pela maioria da federação italiana. Dessa forma, o florentino Fortunato Serantoni, abandona a posição marxista e aos poucos vai se aproximando da corrente do coletivismo da AIT, na qual surge o anarquismo.

Neste processo de passagem do coletivismo para o comunismo anarquista, Serantoni teve um papel destacado. Em 1876, desempenhou um papel ativo na organização do III Congresso da Federação Italiana da Internacional. O congresso era para ser realizado no dia 22 de outubro em Florença, mas alguns dias antes a polícia perseguiu e prendeu alguns dos delegados que estavam na cidade para participar do evento, com o objetivo de impedir seu início. Em regime de urgência, os organizadores buscaram alternativas para a realização do congresso e Serantoni foi incumbido da tarefa de ir a Pontassieve para encontrar algum lugar para a realização do congresso. Como Pontassieve também

estava vigiada por policiais, foi escolhida a cidade vizinha de Tosi. Primeiramente, o congresso ocorreu em uma pousada da cidade e depois, após a chegada da polícia, nos bosques ao redor.

Com a participação de cerca de 40 delegados de toda a Itália, este congresso teve grande importância para a história do anarquismo italiano, pois foi a primeira vez que as organizações operárias presentes se designaram como anarquistas. No debate referente às táticas, foram referendadas as decisões dos dois congressos anteriores referentes à defesa da agitação das massas com a meta de incitar insurreições sociais e ao rechaço a qualquer ação política dentro do Estado; porém, nas discussões sobre os objetivos de longo prazo, em particular acerca de qual modelo econômico deve ser adotado em uma sociedade pós-revolucionária, as seções italianas da Internacional decidem não mais sustentar que cada trabalhador deva receber de acordo com o seu trabalho – como defendia o coletivismo – mas sim que cada trabalhador deva receber de acordo com sua necessidade – princípio que será a base do pensamento do comunismo anarquista⁶.

No final do mesmo ano Serantoni é escolhido pela Seção de Motescudaio como seu delegado para participar do I Congresso Operário Toscano, ocorrido em Florença nos dias 27 e 28 de novembro de 1876, no qual participaram 26 organizações operárias. No decorrer do congresso, Serantoni foi eleito como membro da comissão de trabalho responsável por tratar da “questão dos meios”, uma das duas comissões formadas. Entre as decisões tomadas no fim das discussões, as organizações participantes aderiram às deliberações tomadas pelo congresso da federação italiana ocorrido no mês anterior.

Outras evidências da atuação de Serantoni é seu trabalho na edição de impressos, indicando seu papel enquanto propagandista. Já em 1873 Fortunato Serantoni estava encarregado do jornal *La Campana*, ao lado de Alfredo Mari e Enrico Tosi, e era o responsável pela correspondência. Em 1875, compila e publica o *Almanacco Socialista per l'anno 1876*, cuja impressão foi apreendida pela polícia. Também contribuiu com outros jornais, como *Il Vero Satana*, *L'internazionale*, *Il Ladro*, *Miseria*, *Il Petrolio*, *Il Miserable* e o *Sbarazzino*. Alguns anos depois, ainda em Florença, foi o responsável pela edição de dois jornais: *Il Parrucchiere*, órgão dos cabeleireiros, definido pela polícia como um jornal socialista e *La Lanterna*⁷.

Devido à sua intensa militância, Fortunato Serantoni começa a ter problemas com a polícia. Em 1877, foi um dos doze signatários de uma petição protestando contra uma recente série de provocações policiais contra os internacionalistas florentinos. Por causa do manifesto Serantoni e outros doze foram

⁶ PERNICONE, Nunzio. **Italian Anarchism (1864-1892)**. Oakland: Ak Press, 2009.

⁷ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p.95.

processados, mas nenhum foi detido. Porém, a partir de 1878 a repressão teve em Serantoni um dos seus principais alvos. Em novembro desse ano, uma bomba foi jogada durante uma manifestação monárquica em Florença matando quatro pessoas, acontecimento que ficou conhecido como “caso da via Nazionale”, nome da rua onde ocorreu o incidente. A polícia prendeu 68 internacionalistas entre os quais estava Serantoni. Foi liberado em fevereiro de 1879, junto com outros 26 detidos. Apesar da acusação se mostrar infundada, ela desencadeou uma perseguição ao internacionalista florentino. É preso novamente meses depois por ter colocado, em sinal de luto, um buquê de flores com uma fita preta e vermelha no túmulo das vítimas do “caso da via Nazionale”. Passa três meses preso e é solto. Com esse histórico, Serantoni é visto como pessoa suspeita e a polícia não larga do seu encalço, prendendo-o duas vezes por “violação de advertência” e por “linguagem obscena”. Adriano Paolo Giordano⁸, a partir de documentos do arquivo policial, afirma que essas alegações eram apenas para legitimar a estratégia repressiva montada pela polícia junto com a prefeitura da cidade. Nesses documentos, a polícia apontava Serantoni como um dos dez internacionalistas mais ativos no trabalho de reorganização das organizações operárias e, por isso, a prefeitura tinha autorizado a polícia a persegui-lo mesmo se não fosse flagrado em atividade ilegal, utilizando por justificativas banais.

Contudo, de fato Serantoni estava envolvido no trabalho de rearticular a seção local da AIT. Além disso, denunciava as arbitrariedades no processo do “caso da via Nazionale”, que ainda mantinha sob cárcere internacionalistas mesmo com a fragilidade das provas. Escreveu um panfleto sobre o assunto e denunciou no jornal *La Laterna* que duas das testemunhas de acusação tinham confessado a falsidade das suas declarações, dadas sob a pressão da polícia. Com isso, o jornal de Serantoni foi confiscado pela polícia e foi expedido um novo mandado de prisão contra ele. Diante desta nova perseguição, Serantoni decide emigrar. Após uma curta estadia na França, em 1883 desembarca no porto de Barcelona.

Após chegar à cidade catalã, Serantoni leva uma vida modesta e trabalha como pedreiro. Estabelece relações com outros imigrantes conterrâneos, como Giuseppe Rognone e Santiago Fongi, ao participar de um “círculo anárquico italiano”. Também mantém contato com seus companheiros italianos. Em 1885, participa de um congresso internacional anarquista ocorrido em Barcelona como representante italiano e é correspondente dos jornais italianos *La Questione Sociale*, de Florença e *Sempre Avanti*, de Livorno, dirigido por Pietro Gori.

⁸ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p.96.

Contudo, a atuação e as relações políticas traçadas por Fortunato Serantoni em solo catalão não se limitaram aos militantes italianos, tanto os que imigraram quanto os que permaneceram na Itália. Ele também teve atuação decisiva no anarquismo catalão em um período de intenso debate interno. Antes de seguirmos tratando dos caminhos traçados pelo anarquista florentino, abordaremos brevemente o contexto do anarquismo espanhol na década de 1880.

Na maior parte da década de 1870, os libertários espanhóis viveram sob a repressão. Após o sufocamento das revoltas cantonalistas iniciadas em 1873 e a restauração da monarquia em 1874, os grupos operários ligados à *Federación Regional Española de la Asociación Internacional de los Trabajadores* (FRE-AIT) foram considerados ilegais. Com isso, os socialistas libertários mudaram suas táticas para adaptarem-se a essa nova conjuntura. Se as ações públicas estavam proibidas e qualquer tipo de organização era ilegal, os anarquistas ligados à FRE-AIT passaram a se articular em sociedades secretas e a praticar atos insurrecionais. Esse modo de organização teve sucesso na resistência à tentativa do governo em dismantelar os laços organizativos dos militantes internacionalistas. O êxito tornou-se visível em 1881, quando o governo espanhol abrandou a repressão e volta a considerar as organizações operárias dentro da legalidade. Neste mesmo ano, é fundada a *Federación de los Trabajadores de la Región Española* (FTRE), composta dos grupos anteriormente ligados à FRE-AIT. Nesse novo contexto, gerou-se um intenso debate sobre modelos organizativos e táticas de atuação entre o anarquismo espanhol. Apesar da complexidade das posições que se originou, pode-se dizer, de modo genérico, que configurou-se dois pólos: de um lado, anarquistas que defendiam o coletivismo, a organização pública e a atuação sindical e de outro, anarquistas que defendiam o comunismo, a organização secreta em pequenos grupos e a atuação insurrecional⁹. Este contexto de debate intenso se transformou em disputas virulentas, debilitando as forças do anarquismo. Nesse sentido, é exemplar a reação da FTRE sobre o caso *La Mano Negra*, a suposta organização secreta anarquista responsável por atos terroristas na região da Andaluzia que, na verdade, não passou de uma montagem policial para legitimar a repressão aos anarquistas da Andaluzia. Nessa época, a Comissão Federal, composta por grupos ligados à defesa da organização pública e da atuação dentro da legalidade, aproveitou-se o

9 Enfatizamos que essa generalização representa a maioria dos anarquistas espanhóis na década de 1880, mas não a sua totalidade. Por exemplo, no polo coletivista há uma diferenciação de posicionamento entre o grupo ligado ao jornal *La Tramontana* e aos militantes Josep Lluas e Francisco Tomás, que compunham a Comissão Federal na época do caso “La Mano Negra” e outros grupos ligados ao jornal *La Cronica de los Trabajadores*, de Indalecio Cuadrado, e à revista *La Acracia*, a qual contava com a participação de Anselmo Lorenzo, Fernando Tárrida del Marmol, Pere Esteve, Antoni Pellicer Paraire entre outros. Ver Francisco de Paula Fernández Gómez. **Anarcocomunismo en España (1882-1896)**: El grupo de "Gràcia" y sus relaciones internacionales. 2014. 2 v. Tese (Doutorado) - Curso de História Comparada, Política e Social, Departament D'història Moderna I Contemporània, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2014.

acirramento da repressão para expulsar alguns militantes que eram contrários às suas posições. Desse modo, a Comissão Federal pretendia fazer frente a seus opositores e, ao mesmo tempo, mostrar que a FTRE não tinha nenhuma relação com *La Mano Negra* e, portanto, não havia motivos para que ela sofresse perseguições do governo. Essa postura da Comissão Federal foi um dos elementos que mais contribuíram para o fracasso do anarquismo espanhol nos anos de 1880.

Um dos grupos que foi expulso nesse contexto foi a seção local da FTRE de Gràcia, região próxima a Barcelona, na qual faziam parte Martí Borrás e Emili Hugas. Os dois militantes catalães somaram-se, em 1886, a Jaume Clarà, Francesca Saperas, Victoriano San José, Rafael Roca e a Fortunato Serantoni na edição do jornal *La Justicia Humana*, em que Victoriano San José aparecia como o editor. Este periódico defendia a organização em pequenos grupos, adepto de agir na ilegalidade e destacou-se como o primeiro jornal a propagandear o comunismo anarquista na região de Barcelona. Apesar de ter publicado apenas oito números, o entorno de militantes formado ao redor da edição de *La Justicia Humana* manteve-se coeso e seguiu trabalhando pela difusão das ideias anarco-comunistas. A partir desse entorno origina-se a *Biblioteca Anárquico-comunista*, coleção formada a partir da publicação de um série de livros e folhetos. Alguns dos títulos publicados foram *La sociedad al día siguiente de la Revolución*, de Jean Grave, a primeira publicação em 1897; *Evolución y Revolución*, de Elisée Reclus e *La Conquista del Pan*, de Piotr Kropotkin. A coleção durou até 1896, mas teve como período mais prolífico entre 1887, quando foi fundada, até 1890. Outra iniciativa que surgiu desses mesmos militantes foi a publicação do jornal *Tierra y Libertad*, entre 1888 e 1889. Em comparação com o jornal anterior, esse periódico contava com maior espaço para notícias vindas de outras cidades. Isso se deu em parte pela imigração de alguns militantes, como o caso de Victoriano San José e Rafael Roca, que escreviam a partir da sua nova cidade, Buenos Aires.

Portanto, ao analisarmos o caminho percorrido pelos anarquistas da região de Barcelona é possível notar a proximidade com Fortunato Serantoni e a participação que o militante florentino teve no processo de difusão do comunismo anarquista na Catalunha, sobretudo a partir da propaganda por meio da edição. Porém, se Serantoni permanece em um segundo plano nos projetos editoriais de *La Justicia Humana*, *Biblioteca Anárquico-comunista* e *Tierra y Libertad*, o mesmo não ocorre com o jornal *La Revolución Social*, criado em 1889 e dirigido por Fortunato Serantoni. Após o encerramento da publicação de *Tierra y Libertad* devido à repressão policial, *La Revolución Social* assume o papel de principal porta-voz do comunismo anarquista da região barcelonesa. Neste período, o contexto do anarquismo altera-se na região por duas razões. A primeira é devido a um elemento local. Por causa da

repressão, alguns militantes mais experientes não estavam presentes nesse momento (como Rafael Roca, Victoriano San José, Emili Hugas, Martí Borrás), seja porque eram perseguidos pela polícia ou porque imigraram. A segunda refere-se a um elemento mais amplo. As discussões entre coletivistas e comunistas já não eram mais tão tensas no seio do anarquismo espanhol. Isso possibilitou novos posicionamentos de ambos os lados, na busca por acabar de vez com o fratricídio entre os grupos libertários. Do lado coletivista o setor ligado à revista *Acracia* e ao jornal *El Productor*, composto por Anselmo Lorenzo, Fernando Tàrrida del Marmol, Pere Esteve, Antoni Pellicer Paraire, entre outros, aceitaram as críticas dos anarco-comunistas referentes à organização da FTRE, ao mesmo tempo em que mantiveram a defesa ideológica de certas teses coletivistas mas em um tom conciliador, defendendo a proposta de que os anarquistas deveriam se unir a partir dos seus elementos em comum, não da especificidade de cada estratégia adotada. Essa proposta ficou conhecida como “anarquismo sem adjetivos” ou antiadjetivismo. Já do lado comunista, alguns militantes que não estiveram diretamente ligados nos conflitos dentro da FTRE durante o caso da *La Mano Negra*, também mantinham um posicionamento mais conciliador.

Esse foi o caso de Fortunato Serantoni, visível nas páginas de *La Revolución Social*. Embora o jornal tivesse uma curta duração, com a publicação de apenas sete números, ele foi importante para o redirecionamento do anarco-comunismo na região da Catalunha. Diferentemente dos jornais publicados anteriormente, *La Revolución Social* estabeleceu um diálogo com periódicos coletivistas, sobretudo com *El Productor*, afirmando que tratava-se de um jornal irmão. Serantoni tentou uma aproximação da proposta do “anarquismo sem adjetivos” com os postulados do anarco-comunismo. Também buscou estabelecer ligações com o jornal *L'Associazione*, publicado pelo grupo de anarquistas italianos de Londres e Nice no qual participava Errico Malatesta. Nesses anos Malatesta, ao retornar à Europa após ter vivido anos na Argentina, lançou uma proposta de criação de uma organização chamada “partido internacional socialista anárquico revolucionário” através do *L'Associazione*. Seu projeto baseava-se na crença da necessidade de uma coordenação dos esforços de todos os anarquistas espalhados pelo mundo para o momento que estourasse a revolução social. Essa organização, portanto, teria a função de estabelecer a unidade de ação entre seus membros baseada no respeito à autonomia de cada indivíduo, a partir de um pacto de livre acordo com um programa mínimo¹⁰. A proposta de Malatesta foi

¹⁰ Essa intenção é visível no seguinte trecho, extraído da tradução do manifesto de *L'Associazione* para o espanhol publicado por *La Revolución Social*: “[...] emprendemos la publicación de este nuevo periódico, al objeto de proponer y sustentar la formación de un partido internacional SOCIALISTA ANÁRQUICO REVOLUCIONARIO (sic), con un programa general, el cual sin perjudicar las ideas de cada uno y sin estorbar el camino a las nuevas que puedan producirse,

extremamente bem recebida por Serantoni, responsável pela tradução de textos publicados em *L'Associazione* sobre o “partido internacional socialista anárquico revolucionário”. Além de divulgar, *La Revolución Social* saudou a proposta em suas páginas:

Forzoso es, pues, que nos preparemos y nos entendamos.

El comunismo anárquico, suficientemente debatido en el terreno de la ciencia revolucionaria, trata ya de remontarse de la idea al hecho, y urge, por tanto, la formación de un partido internacional de todos los trabajadores que, no importa la escuela a que pertenezcan, deseen destruir, como los comunistas, el poder político y la propiedad privada¹¹.

Podemos notar que a proposta do “partido internacional socialista anárquico revolucionário” de Malatesta tem um ponto comum com o “anarquismo sem adjetivos” dos coletivistas espanhóis, com Fernando Tàrrida de Marmol à frente: a conciliação das diferentes correntes do anarquismo em busca de uma atuação em conjunto. O próprio Malatesta, em texto publicado no jornal *Bandera Roja* de Madri, já havia reconhecido essa aproximação ao afirmar que seu comunismo defendia os mesmos postulados que o coletivismo espanhol, com diferenças mais formais do que substanciais¹². Desse modo, a defesa de Serantoni da proposta organizativa apresentada por *L'Associazione* pode ser entendida como uma forma de buscar a pacificação das tensões internas do anarquismo na Catalunha e o término do histórico de lutas intestinas que fragilizavam suas forças¹³.

As posições defendidas por Serantoni em *La Revolución Social* desagradaram parte dos anarco-comunistas da região de Barcelona. Os casos mais notórios foram de Emili Hugas e Martí Borràs, militantes históricos que rechaçaram a aproximação do anarco-comunismo com o “anarquismo sem

nos reuna a todos bajo una sola bandera, dando unidad de acción a nuestra conducta hoy y durante la revolución.” *Preparémonos!* *La Revolución Social*. Ano I, número 3. Barcelona, 12 de outubro de 1889. p. 2.

¹¹ *La Revolución Social*. Ano I, número 3. Barcelona, 12 de outubro de 1889. p. 1.

¹² Davide. **Making sense of anarchism**: the experiments with revolution of Errico Malatesta, Italian exile in London, 1889–1900. 2009. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de História, Simon Fraser University, Burnaby, 2009.

¹³ Ainda sobre a proximidade de Fortunato Serantoni com Errico Malatesta e com o anarquismo italiano, Adriano Paolo Giordano tece alguns comentários sobre como o governo italiano enxergava essa relação entre os militantes. Partindo de documentos do consulado italiano em Barcelona e do Ministério do Exterior da Itália, Giordano afirma que Serantoni incitou Malatesta a organizar ações insurrecionais na Itália em 1884, chegando até a oferecer dinamite, mas Malatesta recusou a oferta. Ainda seguindo os documentos diplomáticos, dois anos depois, Serantoni era tido como um dos líderes na formação de “um sério movimento socialista” e, para isso, tinha em sua posse uma grande quantia de notas falsas do Banco Nacional italiano. Giordano salienta que, embora essas informações “não sejam confirmadas por outras fontes, seguramente evidenciam que Serantoni era um referência para o movimento anarquista de língua italiana e que era constantemente vigiado pelas autoridades italianas”. Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p.98.

Edição e anarquismo: a trajetória transnacional de Fortunato Serantoni (1856-1908) adjetivos” ao se tratar da questão organizativa, como propunha Serantoni. Martí Borràs escreveu sobre esse tema anos mais tarde afirmando o seguinte:

a pesar de todas nuestras evoluciones en organización; a pesar de las no menos realizadas en el ambiente que se respira, entre los compañeros de buena fé, sean ó no comunistas quienes ven mas claro hoy que ayer, la farsa de los ‘Regeneradores’ y masones en una pieza; a pesar de todo esto repito; es imposible sacar el carro comunista, anárquico, revolucionario, del atolladero, en que se colocó, por la inaptitud de los mismos comunistas, hace tres años, quienes no supieron ver en la decisión que tomaron de matar ‘Tierra y Libertad’, para fundar otro periódico que eran víctimas del zapaismo de los ‘anarquico macarrónicos’. Desde entonces no ha prosperado ninguna publicación, porque en general, no ha precedido la homogeneidad entre compañeros escogidos; resultado aspirado por nuestros enemigos más cercanos¹⁴.

O texto de Borràs foi publicado em *El Perseguido*, de Buenos Aires. Esse jornal foi fundado por, entre outros militantes, Victoriano San José e Rafael Roca, que tiveram destacada atuação no anarquismo catalão, como destacamos anteriormente, participando do mesmo entorno que Fortunato Serantoni. Isso nos evidencia que a oposição entre os anarco-comunistas à perspectiva de organização defendida Serantoni foi significativa. O debate prossegue nos anos seguintes, no qual participarão o anarquista florentino e seus antigos companheiros, quando Fortunato Serantoni mudou-se de Barcelona para a capital argentina.

Serantoni em Buenos Aires: a edição como meio de propaganda e de articulação (1893-1902)

Após a manifestação de 1º de maio de 1890, primeiro ano em que foi organizada ações nesse dia na Espanha, a repressão recrudesciu. Tanto anarquistas quanto socialistas sofreram perseguições por parte do Estado. Dado esse quadro, Serantoni decide imigrar novamente e chega em Buenos Aires em meados de 1893. Após sua chegada, aproximou-se do grupo que compunha o jornal *El Perseguido*, porém em um curto tempo se afastou. Ainda em 1893, funda o jornal de língua italiana *La Riscossa*, junto com Enrico Peyè, Luigi Gilio e Rubio¹⁵.

¹⁴ Francisco de Paula Fernández Gómez, *op. cit.*, pp. 92-93.

¹⁵ Adriano Paolo Giordano (*op. cit.*, p. 99) levanta a hipótese de Rubio ser um pseudônimo de Fortunato Serantoni, mas não conclui por falta de evidência concreta. Sua base é um levantamento dos textos assinados por Rubio e Serantoni em Barcelona e na Argentina, levando à conclusão de que os dois participaram praticamente dos mesmos jornais e imigraram da Espanha para a Argentina no mesmo período.

Com *La Riscossa*, Serantoni e seus companheiros buscavam fazer propaganda dos ideais anarquistas entre os imigrantes italianos de Buenos Aires, uma boa parcela da população local. Essa estratégia pode ser percebida não apenas com a adoção do idioma italiano, mas também em seu conteúdo. Em sua maioria, os textos tratavam de polêmicas entre o anarquismo e outros setores políticos italianos, como os monarquistas, os republicanos e os socialistas. Também traziam notícias da Itália, principalmente dos grupos anarquistas locais. Essa relação não se dava apenas com a informação, mas os membros do *La Riscossa* também manifestavam sua solidariedade como, por exemplo, apoiando os insurgentes da Sicília e da Lunigiana e as vítimas da repressão estatal, como no caso do militante Luigi Molinari. Porém, a principal ação de solidariedade foi a organização de uma campanha de arrecadação de dinheiro para financiar jornais de língua italiana na Europa. Com isso, o *La Riscossa* conseguiu contribuir para três jornais: *Ordine*, de Turim, *Uguaglianza Sociale*, de Messina e *Sempre Avanti*, de Livorno – como dito anteriormente, Serantoni foi correspondente desse jornal, dirigido por Pietro Gori, quando estava em Barcelona. Essa prática de solidariedade, como veremos, foi organizada diversas vezes por Fortunato Serantoni nos anos em que esteve em Buenos Aires.

O tom insurrecional da maioria dos textos (alguns até manifestavam apoio a atos de justificação promovidos por anarquistas na Espanha) e o contato do *La Riscossa* com grupos italianos não passou despercebido pelo governo argentino e nem pelo governo italiano. Giordano afirma que documentos oficiais trocados entre consulado italiano em Buenos Aires e o Ministério Exterior manifestam a atenção dos agentes estatais com a entrada e a difusão do jornal na Itália. Em um dos documentos, o ministro do Exterior ressalta para o consulado na Argentina: “accertare se la pubblicazione di cui trattassi sia veramente opera dell'anarchico Serantoni”¹⁶. Em dezembro de 1893, a polícia prendeu e deportou a maioria dos militantes envolvidos no jornal, como Enrico Peyè e Luigi Gilio. Fortunato Serantoni conseguiu escapar e tentou seguir com a publicação de *La Riscossa*, porém não teve forças e em abril de 1894 saiu seu último número.

Meses depois Serantoni inicia um novo projeto editorial, chamado *La Questione Sociale – rivista mensile di studi sociali e dei movimento operaio internazionale*. Apesar de levar o mesmo nome que o jornal fundado por Malatesta quando esteve na Argentina, o projeto de Serantoni pode ser considerado uma continuação apenas na perspectiva ideológica, pois sua proposta era original no contexto do anarquismo local. Tratava de uma revista de cunho teórico, reunindo textos de diversos militantes e

¹⁶ Tradução livre: “verifique se a publicação em questão é realmente obra do anarquista Serantoni”. Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p. 101.

com informações sobre grupos anarquistas e organizações operárias de outros países. O primeiro número de *La Questione Sociale* saiu em julho de 1894, com trinta e duas páginas, inteiramente em italiano. Enquanto, até então, as publicações anarquistas periódicas em solo argentino eram jornais com caráter majoritariamente informativo, a revista de Serantoni ia para além do objetivo de informar ao oferecer materiais para reflexões aprofundadas.

Em suas páginas, podemos encontrar textos de destacados autores anarquistas da época. São o caso de Errico Malatesta, Pietro Gori, Giovanni Rossi, Soledad Gustavo, Juan Montseny, José Prat, Anselmo Lorenzo, Ricardo Mella, Élisée Reclus, Jean Grave, Piotr Kropotkin e Augustin Hamon. Dos autores argentinos, contribuíram os jovens estudantes Altair (psedônimo de Mariano Cortes), Julio Molina y Vedia e J. E. Martí. Parte da revista era formada por textos publicados em jornais e revistas europeias, mas também havia artigos originais que os autores mandavam para *La Questione Sociale*. Além de textos de sua autoria, Ricardo Mella também enviou traduções de textos em francês. Em relação às notícias internacionais, a maioria delas era sobre Itália e Espanha, países cujos quais Serantoni tinha mais contato e também eram as terras natais da maioria absoluta dos imigrantes que residiam na Argentina.

Devido à grande quantidade de imigrantes espanhóis e do espanhol ser o idioma local, Serantoni decide transformar *La Questione Sociale* em um revista bilíngue, contando com textos em italiano e em espanhol na mesma edição, em novembro de 1894. Com isso, aumentou o público leitor da revista, tornando-a um instrumento de propaganda extremamente útil. Nesse sentido, a revista desempenhou papel importante nos rumos do anarquismo local. Na historiografia do anarquismo argentino, *La Questione Sociale* ao lado dos jornais *El Oprimido* e *El Obrero Panadero* (logo em seguida, somaram-se *L'Avvenire* e *La Protesta Humana*) são considerados as principais forças impulsionadoras do que se chamou de “anarquismo organizacionista”, isto é, a defesa de que os anarquistas devem ter uma organização formal e regular (que vá para além de ações específicas). A proposta é semelhante ao modelo de organização apresentado por Malatesta e defendido por Serantoni em Barcelona, que tratamos anteriormente.

Nesse período, o anarquismo argentino era predominantemente “antiorganizacionista”. Essa perspectiva afirmava que as pessoas deveriam se organizar para realizar ações específicas e, assim que elas terminassem essas ações, o vínculo organizativo deveria ser desfeito. Assim que surgisse a intenção de concretizar outra ação, um novo vínculo deveria ser feito, e assim por diante. A existência de um

vínculo organizativo regular e formal levaria à opressão da liberdade das pessoas. O “antiorganizacionismo” teve no *El Perseguido* seu porta-voz e, anos mais tarde, o jornal *El Rebelde*.

Essas perspectivas divergentes não se davam apenas ao âmbito da organização política, mas também da organização econômica. Enquanto os “organizacionistas” viam de bom grado as greves e a criação de sindicatos, enxergando neles um processo de fortalecimento da classe trabalhadora, para os “antiorganizacionistas” os “sindicatos operários tinham elementos dominantes que apagavam a iniciativa e qualquer luta profissional sem iniciativa nem ímpeto revolucionário fracassa inevitavelmente”¹⁷ (OVED, 1978, p. 49).

A aproximação ideológica refletiu nas relações mantidas pela revista *La Questione Sociale*. A revista apoiou diversas publicações, organizando campanhas de arrecadação de dinheiro, por meio de subscrição voluntária, para outros periódicos, como *L'Avvenire* e *La Voz de la Mujer*. Porém, os jornais que o projeto editorial de Serantoni teve mais relações foi o jornal *L'Avvenire*, fundado em 1895 e que contou com seu apoio desde a criação até a sua saída da Argentina, chegando até mesmo a ser administrador do jornal em alguns momentos¹⁸ e *El Oprimido*, jornal dirigido por John Creaghe. A relação entre Creaghe e Serantoni é tão estreita a tal ponto deles fundirem seus projetos editoriais: a partir de 1896, *La Questione Sociale* torna-se suplemento literário do jornal *El Oprimido*. As motivações para essa associação é, segundo Serantoni em *La Questione Sociale*, “per ragioni di economia e per dare maggiore impulso alla propaganda”¹⁹. Dessa forma, desenha-se a ideia de que era melhor construir um projeto editorial que fosse a convergência dos esforços de vários militantes, e assim tivesse melhores condições de se manter economicamente, possibilitando maior periodicidade e permanência ao longo do tempo e também que pudesse ter aumentar o alcance de difusão com mais tiragens, do que esses esforços estivessem espalhados em diversos projetos editoriais mais instáveis, por não terem condição financeira para se manterem. Essa percepção é visível no ano seguinte, quando a associação entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido* termina, encerrando suas publicações, para apoiar o surgimento de um novo jornal: *La Protesta Humana*, dirigido por Gregorio Inflan Lafargua. O dinheiro que John Creaghe dispunha para pagar os custos de impressão do *El Oprimido* foi destinado para iniciar a publicação de *La Protesta Humana* e Fortunato Serantoni foi um dos principais organizadores de campanhas para arrecadação de dinheiro e assinaturas para o novo jornal.

¹⁷ Isaac Oved. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina**. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editorial, 1978, p. 49.

¹⁸ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p. 109.

¹⁹ Tradução livre: “Por razões de economia e para dar maior impulso à propaganda.” Adriano Paolo Giordano, *idem*.

La Questione Sociale também foi o nome que Serantoni adotou para outros dois projetos editoriais: as edições de almanaques e a coleção de folhetos. Retomando uma das suas primeiras experiências editoriais quando publicou o *Almanacco Socialista*, em 1875, Serantoni publicou os *Almanagues populares de La Questione Sociale* em edições anuais para os anos entre 1894 e 1902. Trazia um calendário de caráter socialista, com efemérides da história do movimento operário internacional e também uma compilação de artigos sobre temas diversos, biografias, poesias, canções. Há evidências de que teve boa circulação, ao ser difundido em outros países da América Latina, Europa e Estados Unidos. Nesse país, os exemplares enviados para a cidade de Paterson (onde havia um ativo grupo de anarquistas) não foram suficientes²⁰ (Giordano, 2007, p. 110).

Fortunato Serantoni também foi responsável por uma importante edição de folhetos. Tratava-se da publicação de textos curtos em edições baratas, com o propósito de diminuir o custo e possibilitar um baixo preço de venda, ou até mesmo, estipular o preço a partir de uma contribuição voluntária, uma prática também difundida por outros grupos anarquistas. A série de folhetos publicados em um primeiro momento foram intitulados como *Biblioteca de la Questione Sociale*. Teve como primeira coleção a *Propaganda anarquista entre las mujeres*, no qual foram publicados folhetos sobre o tema da emancipação feminina. Os títulos publicados foram os seguintes: *A las hijas del pueblo* e *A las muchachas que estudian*, de Anna Maria Mozzoni, ambos publicados em 1895 e *A las proletarias*, de Soledad Gustavo e *Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecilia*, de Giovanni Rossi, ambos publicados em 1896²¹. Em sua primeira edição, no folheto *A las hijas del pueblo*, há uma nota da redação do *La Questione Sociale* que afirma a intenção da coleção:

Con el objetivo de propagar las ideas emancipadoras entre nuestras compañeras de trabajo y de miseria, la Redacción de LA QUESTIONE SOCIALE (sic) se propone publicar una serie de folletos especiales para la propaganda entre las mujeres, en los que se tratarán todas aquellas cuestiones que tienen relación directa con la emancipación económica, política y religiosa de la mujer.²²

²⁰ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p. 110.

²¹ Listamos aqui os títulos e suas informações correspondentes a partir das fontes consultadas. Encontramos também o anúncio de futura publicação do folheto **Conversaciones anárquicas, sobre la familia y el amor libre**, porém não encontramos referências se a sua publicação se efetivou.

²² Ana Maria Mozzoni. **A las hijas del pueblo**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1896, p. 2.

Cabe ressaltar a escolha da autora para inaugurar a coleção: Ana Maria Mozzoni (1837-1920) era uma livre pensadora italiana, comprometida com a causa das mulheres e uma das fundadoras do Partido Socialista da Itália. Apesar de a maioria dos livros e folhetos publicados por Serantoni serem do campo anarquista, há casos, como esse, de publicações de autores e autoras de outras vertentes políticas, mas com temáticas convergentes àquelas abordadas pelos anarquistas. *A las hijas del pueblo* teve tiragem de 2500 exemplares²³ e na lista de títulos disponíveis para venda publicada no final do folheto *A las proletarias* encontra-se a informação de que o título já estava esgotado²⁴. Isto é, em um ano todos os exemplares foram vendidos. Em 1898, foi publicada uma segunda edição, como tiragem de 4000 exemplares²⁵. Essa rápida circulação é uma demonstração da importância que teve essa coleção, confirmada por Laura Fernández Cordero, quando afirma que a coleção estabeleceu “las autoras de referencia y los lineamientos básicos para convocar a las mujeres con una evidente continuidad, ya que fueron reeditados por la editorial La Protesta como folleto único en 1920”²⁶. (CORDERO, 2010, p. 5) Concomitante à coleção *Propaganda anarquista entre las mujeres*, também foram publicados folhetos sobre outros temas, como *La Religión y la cuestión social*, de Juan Montseny e *Per chiamo anarchici?*, de Saverio Merlino. O último título teve um grande sucesso e desde Paterson há diversos pedidos de uma segunda edição, o que ocorre em 1900, já sob os cuidados da *Biblioteca Sociológica*.

Com o fim da *La Questione Sociale*, Serantoni fundou uma nova revista chamada *Ciencia Social – Revista de sociologia, artes y letras*. Nesse projeto editorial, manteve o caráter teórico da publicação anterior, mas desta vez faz uma edição inteiramente em castelhano. Foi publicada em duas fases, uma entre 1897 e 1898, publicando doze números, e outra entre 1898 e 1900, totalizando quinze números. Em *Ciencia Social* há mais contribuições de autores locais, como J. E. Martí e Altaír (pseudônimo de Mariano Cortés). Todavia, entre seus colaboradores destacou-se Pietro Gori, militante anarquista de grande renome, estimado não só por anarquistas, mas também por outros setores, como os acadêmicos. Uma mostra do apreço que Gori tinha foi o convite para dar aulas na UBA (Universidad de Buenos Aires). Ele escreveu diversos textos para *Ciencia Social*, além de ter algumas obras editadas como folhetos por Serantoni. Desse modo, evidencia-se a proximidade entre os dois, não só devido a essas colaborações, mas também pelo fato de que, como dissemos anteriormente, em sua estadia em

²³ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p. 111.

²⁴ Soledad Gustavo. **A las proletarias**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1896, p. 15.

²⁵ **La Protesta Humana**, Ano II, nº 27, Buenos Aires, 13 de fevereiro de 1898, p.4.

²⁶ Laura Fernández Cordero. "Queremos emanciparos": anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del siglo XIX. **Izquierdas**, Santiago do Chile, v. 3, n. 6, p.1-19, abr. 2010, p. 5.

Barcelona Fortunato Serantoni escrevia regularmente para o jornal *Sempre Avanti!*, dirigido por Pietro Gori.

Também seguiu publicando livros e folhetos. Entre 1898 e 1901, publicou cerca de 21 obras. Além de Pietro Gori, publicou importantes autores do cânone libertário, como Jean Grave, Carlo Cafiero, Sébastien Faure, Liev Tolstói, Charles Albert, além de autores locais. As tiragens eram geralmente de 2000 a 3000 exemplares, chegando em alguns casos a 4000 exemplares, como no caso da edição conjunta do texto *Io accuso*, de Sébastien Faure com o texto *Che cosa è l'anarchia*, de Domenico Zavertero (além da já citada segunda edição de *A las hijas del pueblo*). Estas edições passam a se vincular à *Librería Sociológica*, a livraria de Fortunato Serantoni.

Logo quando se instalou na cidade portenha, Serantoni abriu uma livraria. Nesses anos, nomeou-a de “Serantoni y Cia”, localizada na rua Piedad, 2095. Em janeiro de 1894 já havia menções de que neste endereço era possível a aquisição de jornais anarquistas italianos, como *Il Pensiero*, de Chieti. Adriano Paolo Giordano afirma que provavelmente na segunda metade de 1894 Serantoni muda para sua livraria para a Avenida Corrientes, 2039-2041, endereço no qual ficará até a permanência de Serantoni na Argentina²⁷. A livraria de Serantoni foi um dos principais espaços do incipiente movimento anarquista. Além de possibilitar aos militantes locais o acesso a jornais, livros e folhetos publicados na Europa e em outras partes do globo, a *Librería Sociológica* teve um importante papel organizativo, ao ser um ponto no qual se desenvolvia diversas atividades. Para além da venda de publicações, a *Librería* organizava a assinatura de diversas publicações, listas de contribuições financeiras, venda de ingressos para encenações teatrais e listas de apoio em solidariedade a outros grupos e indivíduos.

As campanhas de solidariedade também foram outro tipo de ação na qual teve em Serantoni um de seus principais propulsores. As razões foram variadas: desde o auxílio aos familiares de anarquistas presos e mortos por participarem de atentados, como no caso de Gaetano Bresci, até a arrecadação de dinheiro para grupos anarquistas italianos e espanhóis, que passavam por dificuldades devido à repressão. Sobre a importância de Serantoni para estes grupos, Luigi Fabbri afirma em 1909:

Radunò a beneficio della propaganda in Italia ed in Spagna migliaia e migliaia di lire, che furono spesso la salvezza in momenti critici dei nostri giornali. La nostra *Agitazione* in Ancona e Roma spesse volte fu tolta d'imbarazzo dalle trate di due o trecento lire da Buenos Aires, firmate dal Serantoni e raccolte da questi fra i compagni di laggiù. Nei tempi di reazione, nel 1894 e nel

²⁷ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, pp. 102; 112.

Edição e anarquismo: a trajetória transnacional de Fortunato Serantoni (1856-1908)
1898, a noi che eravamo allora in carcere e a domicilio coatto egli fece avere delle migliaia di lire di soccorsi sempre raccolte fra compagni. Insomma fu di una attività fenomenale, sempre.²⁸

Uma dessas campanhas foi pela libertação de Cesare Batacchi, militante acusado de ter participado do “caso da via Nazionale” (o mesmo episódio que desencadeou o contexto repressivo do qual forçou Serantoni a se mudar para Barcelona) ocorrido em Florença em 1878. Desde então, Batacchi e outros membros da seção italiana da AIT que também receberam a mesma acusação, cumpriam pena de prisão perpétua. A campanha por sua libertação inicia-se em 1899 e Serantoni, além de organizar uma subscrição em apoio e imprimir 3000 retratos de Batacchi para reunir financia-la, publicou o folheto *Per un innocente d'Italia. Cesare Batacchi condannato all'ergastolo*, de sua própria autoria, em que explicou detalhadamente o caso do militante preso. Grande parte dos 3000 exemplares impressos foram enviados para a Itália. No ano seguinte, Cesare Batacchi e outros militantes tiveram sua pena perdoada e após mais de vinte anos presos, são liberados. Ele e outros militantes – Giuseppe Scarlatti, Natale Nencioni, Natale Conti e Aureli Vanni – escreveram uma carta de agradecimento a Serantoni e aos “generosos companheiros de Buenos Aires”²⁹.

Em 1902, em resposta à greve geral, o governo promulgou a *Ley de Residencia*, que permitiu ao governo a expulsão de imigrantes indesejáveis, entre os quais os anarquistas foram o alvo principal. Dias após a lei entrar em vigência, a polícia cercou e invadiu a *Librería Sociológica* em busca de Serantoni. Encontraram sua companheira Isabella, mas não o encontraram, pois o militante florentino já tinha fugido para Montevideo. Semanas depois, Serantoni enviou uma carta a Alberto Ghirardo, diretor da revista *El Sol* (uma das poucas publicações anarquistas que continuou sendo publicada, desrespeitando o estado de sítio), que a publicou. Nela, Serantoni afirma: “Usted sabe ya que me han saqueado mi negocio, por el cual pagaba *la correspondiente patente* (sic). Me han llevado una infinidad de libros que se venden en todas las librerías italianas, españolas, etc.” Também afirma o tamanho do seu prejuízo: “Forma todo ello un pequeño capital. Se trata de un carro lleno, que se arrastraron de mi

²⁸ Tradução livre: “Foram reunidas milhares e milhares de liras em benefício à propaganda na Itália e na Espanha, que eram muitas vezes a salvação para nossos jornais em momentos críticos. Nosso jornal *L'Agitazione*, de Ancona e Roma, foi muitas vezes tirado de dificuldades com o envio de duzentas ou trezentas liras vindas de Buenos Aires, assinado por Serantoni e recolhidas entre os companheiros de lá. Nos tempos de reação, em 1894 e em 1898, quando estávamos na cadeia ou em prisão domiciliar, ele nos enviou milhares de liras em auxílio, sempre coletadas entre os companheiros. Em suma, foi de uma atividade fenomenal, sempre”. Apud Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, p. 112.

²⁹ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, pp. 116.

casa. Y hay libros, en cantidad, que debo pagarlos en Europa, ya que tengo dada la garantía correspondiente a estos casos, de puro comercio, exclusivamente.”³⁰

Meses depois, Serantoni também publica um texto no jornal *La Protesta Humana*, dando mais informações sobre a batida da polícia que durou cerca de quatro horas. Fortunato Serantoni afirma:

Los esbirros me robaron, pues, unos seis mil folletos de diferentes autores e algunos centenares de ejemplares de las obras de sociología que había en la librería, como ser: “Las Palabras de un Rebelde”, “Evolución y Revolución”, “La Montaña”, “Filosofía del Anarquismo”, “Los Nuevos Caminos”, “Las Memorias de un Revolucionario”, “Conferencias Populares”, “Bibliografía de la Anarquía”, todas las colecciones de “Ciencia Social”, “Memorandum a los Anarquistas de España y Cuba”, “La Antroposofía”, “La Terza Disfatta del Proletariado”, los retratos de Emilio Zola, “La Societa al domani della Rivoluzione” y más de 500 ejemplares de “La Sociedad Moribunda” de Juan Grave. [...]

Lo que se llevaron los esbirros representa un capital de más de mil pesos.³¹

Fortunato Serantoni é obrigado a se separar não só das suas atividades como da sua família³². Sua esposa e seus filhos permaneceram em Buenos Aires e Fortunato conhece um novo exílio.

De volta à Florença: novo exílio, velha militância

Com a promulgação da *Ley de Residencia*, Serantoni e mais alguns militantes (como Oreste Ristori, Félix Basterra e Torrens Ros), certos de que seriam caçados pela polícia, se refugiaram em Montevideo. Ciente da impossibilidade de voltar a Buenos Aires, Fortunato Serantoni decidiu ir para Espanha. Porém, lá ele não é aceito pelas autoridades, que o acompanham até a fronteira com a França. A partir daí, retorna à sua terra natal, Florença.

Em Florença, rapidamente retomou sua atividade editorial. Fundou a *Casa Editrice Fortunato Serantoni* e entre 1904 e 1905, publicou ao menos vinte obras³³. Entre elas, destacam-se as obras de Pietro Gori, dando continuidade à parceria de anos, e Luigi Fabbri, nessa época um jovem estudante que tinha recém se incorporado às fileiras anarquistas, tem parte de suas primeiras obras publicadas por Fortunato Serantoni.

³⁰ *El Sol*, Ano V, nº 162, Buenos Aires, 15 de dezembro de 1902, pp.8-9.

³¹ *La Protesta Humana*, Ano VII, nº 211, Buenos Aires, 11 de abril de 1902, p.2.

³² Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, pp. 118.

³³ Levantamento feito a partir do catálogo do IISH (International Institute of Social History) de Amsterdã, Holanda. Disponível em: <https://search.socialhistory.org/>. Acesso em 13 de junho de 2016.

Assim como em Buenos Aires, Serantoni manteve próximo ao movimento anarquista, relacionando sua atividade editorial com a militância política. Em 1904, com a realização do Congresso Internacional do Livre Pensamento, em Roma, editou uma publicação de número único, intitulada *Il Diritti del Pensiero*. Três anos depois, participa do Congresso Anarquista Italiano, no qual apresenta uma moção, escrita junto com Enrico Belli, que recomenda a rápida criação de grupos anarquistas locais que dessem vida a uma organização federativa, chamada de “Alleanza Socialista Anarchica Italiana”. Essa proposta organizativa é semelhante àquela defendida por Malatesta no final da década de 1880 e endossada por Serantoni nas páginas do jornal *La Revolución Social*, como já abordamos. Ambas propostas veem a necessidade dos anarquistas estarem reunidos em uma organização política, porém aqui ela é pensada em âmbito nacional, enquanto que a proposta malestestiana daqueles tempos previa uma organização internacional. Neste congresso também foi tomada a decisão de criar um jornal para esta organização, chamado de *L’Alleanza Libertaria*, com Serantoni como um dos membros da redação. Conforme afirma Giordano³⁴, Fortunato Serantoni, um militante já com uma longa experiência, buscou em seu retorno à Itália, “apoiar esforços e iniciativas destinadas a uma organização anti-autoritária do movimento libertário e a um reforço da propaganda através da criação de um meio de comunicação sólido e respeitável, que fosse o ponto de referência e de conexão, a nível nacional, de todos os anarquistas”.

Seu último projeto editorial é o *Almanacco della Rivoluzione*, editado em 1908. A polícia apreende 200 exemplares na sua casa e Serantoni é processado. Sob a acusação de “apologia ao crime”, é condenado a seis meses de cadeia, começando a cumprir no final de outubro do mesmo ano. Porém, em dezembro, morre de uma parada cardíaca aos 52 anos de idade. Assim, encerra-se a trajetória do “editor errante da anarquia”.

Considerações finais

A trajetória e atuação de Fortunato Serantoni, apesar de notáveis, não representam uma exceção: muitos anarquistas tal como ele foram forçados a fazer périplos semelhantes, passando por diversos países para fugir da repressão; ademais, muitos outros também dedicaram grande parte de seus esforços para a edição de impressos, com o objetivo de propagandear as ideias anarquistas. Desse modo, acreditamos que o estudo da vida de Serantoni pode elucidar questões nesse intervalo de tempo que aqui tratamos (praticamente coincide com o período de formação do anarquismo até a Primeira Guerra

³⁴ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, pp. 120.

Mundial). Abordaremos dois elementos já apontados no início do nosso texto: o duplo papel da edição e o internacionalismo.

Como vemos, Serantoni através de seus projetos editoriais foi um grande propagandista, ao ser o responsável por inúmeras publicações, mas também um grande articulador do movimento anarquista. Analisando sua trajetória, foi possível perceber quando Fortunato Serantoni estava em Barcelona, tendo destaque na articulação entre o anarquismo espanhol e o anarquismo italiano e sobretudo quando esteve em Buenos Aires. Na capital portenha, Serantoni foi um destacado articulador tanto localmente, para a corrente dos anarquistas “organizadores”, e internacionalmente, principalmente entre os grupos argentinos e anarquismo da Itália e Espanha. Nesse sentido, é possível afirmar, como destaca Giordano que “o florentino era um ‘nó’ muito importante daquela grande rede internacional que no final do século constituía o movimento anarquista de língua italiana”³⁵. Vimos com mais nitidez a edição como instrumento de organização nos planos de Serantoni com John Creaghe e, em seguida, com Gregorio Inglan Lafargua, em reunir esforços ao mesclar jornais para se ter um grande jornal anarquista, que veio a se realizar, anos depois, com o *La Protesta*.

Dessa forma, entende-se que essas redes de relações internacionais davam corpo para o movimento anarquista, ou seja, o internacionalismo era não só um ideal para os anarquistas, mas sim uma característica do seu movimento. Assim, se nós historiadores queremos compreender o movimento anarquista daquela época, devemos levar em conta essa característica. Portanto, enxergamos a necessidade ir além do âmbito nacional que caracteriza, em geral, a historiografia sobre anarquismo, trabalhando também com as análises transnacionais.

Giuseppe Scarlatti em um texto publicado pelo jornal *Il Pensiero*, de Roma, em 1907, caracterizava Serantoni como “un bravo editore, composto per una metà di americano, per un quarto di spagnolo e pel rimanente d’italiano”³⁶. Se circunscrevermos nossos campos de pesquisa às esferas nacionais quando formos escrever a história de diversos (e diversas) militantes como Fortunato Serantoni, não conseguiremos tê-los em sua plenitude.

1. Referências

1.1 Fontes

³⁵ Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, pp. 112.

³⁶ Tradução livre: “um bravo editor, composto por uma metade de americano, por um quarto de espanhol e o restante de italiano”. Adriano Paolo Giordano, *op. cit.*, pp. 119.

EL SOL, Ano V, nº 162, Buenos Aires, 15 de dezembro de 1902.

GUSTAVO, Soledad. **A las proletarias**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1896.

LA PROTESTA HUMANA, número 27 (Buenos Aires, 13 de fevereiro de 1898) e número 211 (Buenos Aires, 11 de abril de 1902).

LA REVOLUCIÓN SOCIAL., número 3. Barcelona, 12 out. 1889.

MOZZONI, Ana Maria. **A las hijas del pueblo**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1895.

MOZZONI, Ana Maria. **A las muchachas que estudian**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1895.

ROSSI, Juan. **Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecilia**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1896.

1.2 Bibliografia

ANAPIO, Luciana. Una promesa de folletos: El rol de la prensa en el movimiento anarquista en la Argentina (1890-1930). **A Contracorriente**, Raleigh, v. 8, n. 2, p.1-33, dez. 2011. Disponível em: <<http://acontracorriente.chass.ncsu.edu/index.php/acontracorriente/article/download/412/628>>. Acesso em: 04 maio 2015.

ANDERSON, Benedict. **Sob três bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial**. Campinas; Fortaleza: Editora da Unicamp; Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014.

CORDERO, Laura Fernández. "Queremos emanciparos": anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del siglo XIX. **Izquierdas**, Santiago do Chile, v. 3, n. 6, p.1-19, abr. 2010.

DEBRAY, Régis. El socialismo y la imprenta: un ciclo vital. **New Left Review**, Londres, n. 46, p.5-26, out. 2007. Disponível em: <newleftreview.es/article/download_pdf?language=es&id=603>. Acesso em: 05 abr. 2016.

GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: ANTONIOLI, Maurizio (Org.). **Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento**. Pisa: Bfs Edizioni, 2007. p. 93-121.

GÓMEZ, Francisco de Paula Fernández. **Anarcocomunismo en España (1882-1896): El grupo de "Gràcia" y sus relaciones internacionales**. 2014. 2 v. Tese (Doutorado) - Curso de História Comparada, Política e Social, Departament D'història Moderna I Contemporània, Universitat Autònoma de

Barcelona, Barcelona, 2014. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/handle/10803/286107>>. Acesso em: 22 maio 2016.

MUSTO, Marcello (Org.). **Trabalhadores, uni-vos!**: Antologia política da I Internacional. São Paulo: Boitempo, 2014.

OVED, Isaacov. El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editorial, 1978.

PERNICONE, Nunzio. **Italian Anarchism (1864-1892)**. Oakland: Ak Press, 2009.

TURCATO, Davide. **Making sense of anarchism: the experiments with revolution of Errico Malatesta, Italian exile in London, 1889–1900**. 2009. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de História, Simon Fraser University, Burnaby, 2009. Disponível em: <<http://summit.sfu.ca/item/9345>>. Acesso em: 11 maio 2016.